



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A disciplina e a liberdade na Filosofia da Educação de Kant

Por: Neilton Falcão de Melo¹

neilton_melo@hotmail.com

&

Carlos Menezes de Souza Júnior²

RESUMO

Este artigo apresenta um diálogo na perspectiva do saber filosófico objetivando discutir a Disciplina e a Liberdade na Filosofia da Educação Kantiana dentro do projeto pedagógico moderno. Neste estudo o projeto moderno é apresentado pelas vias da Reforma e a Revolução Galilaica e justifica-se pelo fato de considerarmos relevante compreender a educação humana sob a perspectiva Kantiana e também conhecer a grande relevância da Filosofia para melhor pensar sobre diferentes questões. Este estudo possibilita perceber o pressuposto defendido pelo Projeto Pedagógico Kantiano além de levar o leitor da obra a uma profunda reflexão sobre valores intrínsecos ao ser humano.

Palavras-chave: Disciplina. Liberdade. Autonomia. Moralidade.

Resumo

¹ Especialista em Tecnologias em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, especialista em Letras Português e Linguística pela Faculdade Amadeus, especialista em Mídias para a Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, graduado em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe – UFS e graduado em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo. É servidor público estadual, docente da Secretaria Estadual de Educação de Sergipe – SEED, na disciplina de Português, servidor público municipal, docente, na Secretaria Municipal de Educação da cidade de Santa Luzia do Itanhy, Distrito Priapu/ Sergipe, é pesquisador-bolsista na Universidade Federal de Sergipe – UFS e é pesquisador do Grupo Inter-institucional Desempenho Escolar e Inclusão Acadêmica – IDEIA.

² É mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, especialista em Didática do Ensino Superior pela Faculdade Pio X, graduado em Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar pela Faculdade Pio X, é avaliador do Programa de expansão da Educação Profissional – PROEP, é servidor público federal, Pedagogo do Instituto Federal de Sergipe – IFS, lotado na cidade de Estância/ SE, participa do Projeto de Pesquisa O nível de letramento dos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Gumerindo Bessa, na cidade de Estância/ SE, recebeu medalha de Honra ao Mérito de Educação pela Câmara Municipal de Estância/ SE, recebeu a comenda Berço da Cultura Sergipana pela Prefeitura Municipal de Estância/ SE e recebeu o XXIV Prêmio Magnífico pela Assessoria Nacional de Imprensa, Eventos e Comunicações.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tiu artikolo prezentas dialogon en la perspektivo de filozofia scio, celanta pridiskuti la disciplino kaj libereco en kantiana Eduka Filozofio, ene la moderna pedagogia projekto. Em ĉi tiu studo la moderna dezajno estas prezentita de maniero de la Reformo kaj la galileana Revolucio kaj estas pravigita de la fakto ke ni konsideras grava por kompreni homan edukon en la kantiana perspektivo kaj ankaŭ konas grandan gravecon de filozofia pli bona penso pri malsamaj aferoj. Tiu studo ebligas realigi la supozo protektita de la kantiana pedagogia projekto, krom prenante leganto de la laboro al plia konsidero de apriora valoro al homaj esta oj.

Ŝlosilvortoj: *Disciplino; Libereco; Aŭtonomeco; Moraleco.*

Abstract

This paper presents a dialogue from the perspective of philosophical knowledge aiming to discuss the Discipline and Freedom in Kant's Philosophy of Education within the modern pedagogical project. In this study the modern project is presented by the ways of the Reformation and the Galilean revolution and is justified by the fact that we consider important to understand the human education from the perspective of Kant and also realize the great relevance of philosophy to better think about different issues. This study makes it possible to realize the assumption advocated by the Pedagogical Project Kantian and also lead the reader to the work to a profound reflection on the intrinsic human values.

Keywords: *Discipline. Freedom. Autonomy. Morality.*

1 INTRODUÇÃO

Qualquer saber produzido e/ou conhecido está inserido em um destes quatro ramos: da Arte, que tem como objeto o belo, da Religião, que tem como objeto o sagrado, da Ciência e da Filosofia, ambos que têm como objeto a racionalidade, sendo que este tem como método o dedutivo, do tipo lógico e aquele tem como método o indutivo do tipo cronológico.

Para este estudo, interessa-nos dialogar na perspectiva do saber filosófico, especificamente da Filosofia da Educação.

Tendo-se em vista o fato de a Filosofia possibilitar ao ser humano questionar e refletir sobre os fatos que o cerca, transcender o mundo de aparências para o de essências, permitindo ao homem libertar-se da



obscuridade do conhecimento, a Filosofia da Educação, por sua vez, “segue a ação pedagógica. Deverá pensar e ter suas raízes nos próprios problemas da Educação”. (FURTER, 1970, p. 27)

Com base nesta perspectiva, este estudo objetiva discutir a Disciplina e a Liberdade na Filosofia da Educação Kantiana dentro do projeto pedagógico moderno, considerando-se principalmente dois de seus escritos: “Sobre a Pedagogia” (1999), publicada a partir de uma coletânea de textos utilizados nas aulas do filósofo durante suas aulas no curso de Pedagogia por um de seus discípulos, Theodor Rink, e parte do texto “Resposta à Pergunta: O que é Esclarecimento?”, vol. VI, p.53-61, traduzido por Floriano de Sousa Fernandes na edição bilíngüe da obra *Textos Seletos* (1985), organizada por Arcângelo R. Buzzi e Leonardo Boff.

Como ainda não houve tempo para que um projeto pedagógico depois do século XVIII fosse consolidado, então nos debruçaremos sobre o projeto Moderno de Educação, que compreende os séculos XVI, XVII e XVIII, sob a perspectiva da pedagogia Kantiana.

Primeiramente faz-se necessário que resgatemos, ainda que de forma superficial, alguns aspectos da Modernidade, que começa em 1453 com a Tomada de Constantinopla, pois com a impossibilidade de passagem para se chegar ao Oriente, começaram a dar início às Grandes Navegações, então a partir deste momento constatou-se que a Terra era esférica e não pláter e como consequência desta constatação, o Ocidente foi descoberto.

Escolhemos, neste estudo, apresentarmos o projeto moderno por duas portas de entrada: a Reforma e a Revolução Galilaica.

A Reforma Protestante de 1534 foi decisiva para que transformações significativas ocorressem, capazes de mudar o percurso da História da humanidade, pois pela primeira vez a Igreja foi dividida pelo grande Cisma. Lutero escreveu 92 teses contra a Igreja Católica, principalmente, contra as indulgências e abriu debates importantes, colocando em xeque o que antes era inquestionável acerca da materialidade da fé, da autoridade de Roma, da

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diferença entre fé e obras, da dispensa de atos exteriores, como flores, velas, água benta, dentre outros, além de defender a dispensa da figura humana intermediária na relação homem e divino, ou seja, a leitura das Escrituras Sagradas não necessitava mais de intermediações. Esta interiorização e a valorização da subjetividade oriundas da Reforma trouxeram grandes contribuições para a Modernidade.

O modelo astrofísico servia como modelo para todas as outras Ciências. O universo era considerado finito com esferas concêntricas, também era topográfico, com divisões de lugares e tinha a Terra como o centro do Universo. Com a Reforma Galilaica, estas verdades são substituídas por outras. Descobri-se que o universo é infinito e é expresso em linguagem matemática, caindo também a ideia do universo topográfico. Os sentidos passam a ser o critério de verificabilidade e descobre-se que a Terra não é mais o centro do movimento. Desta forma podemos afirmar que a Reforma Galilaica trouxe importantes contribuições para a questão do método, exigindo prova experimental, e também para a produção do conhecimento filosófico.

O projeto pedagógico da Modernidade parte, então, em suma, destas duas grandes contribuições: com a Reforma, o racionalismo; com a Revolução Galilaica, o empirismo.

O projeto moderno não mais admite a reintegração da Religião (do Sagrado) com a natureza e traz que o primeiro é de fórum íntimo. Tenta eliminar a magia do mundo. Esta racionalização visa determinados fins, isto a torna instrumental. Sendo a razão fria, ela fará a adequação de meios a determinados fins, valorizando a técnica.

A Religião (o Cristianismo e o modelo político romano), a Arte, a História, o capitalismo e a Educação são fenômenos culturais que atribuíram à civilização ocidental requisitos universais. A modernidade tem consciência que está situada em um tempo.

A racionalidade científica e a subjetividade são as referências primeiras da pedagogia moderna. A subjetividade incorpora o conceito de sujeito



epistêmico ao processo educativo. Ela expressa, via de regra, a visão cartesiana de sujeito racional, pensante e consciente, centro e produtor do conhecimento. Esta compreensão passa a ser o terreno em que se movimentam as teorias pedagógicas. O processo educativo, influenciado pela racionalidade científica, é cercado pela pedagogia do método e das técnicas como forma de assegurar a apropriação, pelo sujeito epistêmico, dos conteúdos culturais. Logo, pretendemos com este estudo apresentar alguns métodos e técnicas ensinadas por Kant, filósofo inserido no contexto da Filosofia Crítica, para educar nossas crianças no caminho da Disciplina e da Liberdade.

Este estudo justifica-se pelo fato de considerar relevante compreender a educação, essencialmente humana, sob a perspectiva do projeto pedagógico Kantiano, já que, para ele, a educação é compreendida como os cuidados que se deve ter na infância, com disciplina e instrução no processo de formação - fato que diferencia o homem dos demais animais.

2 A DISCIPLINA NO PROJETO PEDAGÓGICO KANTIANO

Sublinha Kant (1999), sobre trabalhar a disciplina já na infância:

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Consequentemente, o homem é infante, educando e discípulo. (KANT, 1999, p.11)

Kant afirma que a educação é o mais difícil problema que pode ser colocado para os homens e estes não podem se tornar verdadeiros homens senão por ela. Os homens são frutos do processo educativo, o qual é feito por e para eles, cuja prática precisa, com o decorrer do tempo, ser aprimorada.

Um dos princípios da pedagogia Kantiana apoia-se na proposta de uma educação que não deve estar pautada no estado presente da espécie humana, pois esta deve assegurar um estado melhor futuro, por este motivo deve perseguir a ideia de humanidade desejada. Ainda reconhece a relação de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dependência da educação com os conhecimentos, já que um não existe sem o outro.

A educação para Kant tem dois inimigos a romper: a rudeza e a selvageria.

O projeto pedagógico de Kant propõe “uma educação impositiva, mas, nem por isso escravizante”. (1999: 62), onde a Disciplina assenta um dos lugares de destaque.

A moral em Kant é compreendida sob uma perspectiva da obrigatoriedade, além de ser regida por questões universais e valores de respeito à integridade do ser humano, ou seja, o filósofo acredita que o homem deve se utilizar de sua liberdade para alcançar seus objetivos, porém a liberdade está associada a deveres impostos ao desejo humano.

Dessa forma, a base do princípio da moralidade em Kant se constitui em uma vontade humana autônoma, cuja base é construída a partir de uma ética do ser humano em que ele precisa conhecer e conscientizar-se de sua posição na sociedade, no mundo.

Assim, o homem pensado por Kant é aquele capaz de compreender sua posição na sociedade e entender sua função social, exercer sua postura cidadã, já que apenas o homem racional é capaz de agir conforme princípios, ter vontade autônoma e deve ser também constituído de valor absoluto; por esta razão, ele defendeu o pensamento de que a humanidade deve ser pensada não somente através do homem em sua singularidade, mas também, e principalmente, por todos os indivíduos racionais.

Partindo-se desse entendimento, Kant acredita que a moralidade apenas é possível de se concretizar se for possível que um ser racional seja compreendido como um fim nele mesmo e que a moralidade e a humanidade são os únicos elementos capazes de terem dignidade.

Outro aspecto fundamental da filosofia Kantiana está associado ao fato de o princípio da moral ser possível de ser estabelecido se estiver fundamentado na boa vontade.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Destarte a discussão ora apresentada, é possível ratificar que Kant muito contribuiu com a discussão filosófica acerca da moral. Tais reflexões foram por ele denominadas de imperativos categóricos, ou seja, deveres impostos à consciência moral ainda que aconteçam sem imposição de condições.

Esta disposição originária, intelectual e moral (porque é uma representação do dever), chamada consciência moral, tem em si a peculiaridade de que, embora a sua tarefa seja uma faina do homem consigo mesmo, este se vê compelido pela sua razão a desempenhá-la, como se fosse por ordem de outra pessoa. (KANT, 2004, p. 78)

Tais imperativos fundamentam-se no pressuposto da obrigação moral da vontade humana autônoma, construindo, assim, seus princípios de moralidade, denominados por Kant de “mandamentos” e suas fórmulas, “imperativos”.

Assim, os Princípios de Moralidade essenciais em seu Projeto Pedagógico estão alicerçados no “Princípio da Humanidade em si”, em que a moralidade compreendida como condição única de permitir ao ser racional, bem como à humanidade, de forma geral, de terem dignidade.

Nessa perspectiva, as relações sociais em Kant são alicerçadas no “Princípio Supremo da Moralidade”. Segundo ele, tal princípio possibilita que a ação humana seja transformada em lei universal, a fim de guiar o comportamento de todos os seres racionais e, além disso, é fundamental que não seja instrumento de vontade própria, mas uma finalidade em si mesma, para que o “outro” seja percebido como ser moral, fazendo com que, então, seja construído o “Princípio da Dignidade Humana” e, conseqüentemente, o “Princípio da Solidariedade”.

Conforme os princípios defendidos por Kant, pode-se perceber que seu Projeto Pedagógico defende o pressuposto de formar um homem racional que seja moral, ético, autônomo e, além disso, que suas atitudes possam ser adotadas de forma universal, uma vez que prioriza a concepção do outro na formação do ser moral. É importante ressaltar também o vínculo por ele



estabelecido entre sensibilidade e razão na construção de seu projeto pedagógico.

Kant afirma que a educação consiste na cultura escolástica, mecânica, ou didática, a que se refere à habilidade; a que se refere à formação pragmática, relacionada à prudência e direcionada à cultura moral, que trata da moralidade.

A primeira é necessária para tornar o homem habilitado para alcançar suas finalidades; a segunda, para que seja cidadão e, por fim, a formação moral possibilita ao homem um valor que está associado à inteira espécie humana.

Para Kant a moralidade está integrada ao caráter, o qual, para ser bem formado, é preciso dominar as paixões: “No que toca às suas tendências, o homem não deve deixá-las tornarem-se paixões, antes deve aprender a privar-se um pouco quando algo lhe é negado”. (KANT, 1999, p. 86)

Verifica-se, assim, que Kant considera a consolidação do caráter como a etapa suprema da educação: “A etapa suprema é consolidação do caráter. Consiste na resolução firme de querer fazer algo e colocá-lo realmente em prática” (KANT, 1999, p. 87), a qual é consolidada no momento em que se materializam as ações pensadas pelos seres humanos, visto que o não cumprimento compromete a consolidação do bom caráter do indivíduo.

3 KANT E A AUTONOMIA COMO PRINCÍPIO DA MORALIDADE EM SEU PROJETO PEDAGÓGICO

A autonomia é defendida por Kant a partir do princípio da dignidade da natureza do homem, enquanto que a liberdade é a entrada para o universo da autonomia da vontade.

Neste sentido, Kant afirma, no Princípio Supremo da Moralidade, que não existe a possibilidade de haver uma boa ação que não se realize com boa vontade, ou seja, é essencial que a vontade, que é pura, esteja alicerçada entre o querer e a razão e que esta produza uma vontade boa em si mesma, como bem supremo, o qual é movido pelo sentido do dever. Este, conseqüentemente,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

deve ser direcionado através da ideia de imparcialidade, livre de pensamentos subjetivos e sensíveis.

Todas as relações morais entre seres dotados de razão, que encerram um princípio da concordância da vontade de um com a do outro, se podem reduzir ao amor e ao respeito; na medida em que este princípio é prático, o fundamento de determinação da vontade reduz-se, quanto ao primeiro, ao fim e, quanto ao segundo, ao direito do outro. (KANT, 2004, p. 138)

Tal fato permite compreender que a consciência moral é valorizada em Kant a partir do senso do dever, cujo valor moral está relacionado intimamente à vontade livre, visto que, a norma moral, para Kant, deve ser universal e categórica.

A própria humanidade é uma dignidade; de fato, o homem por nenhum homem (nem pelos outros, nem sequer por si mesmo) pode ser utilizado só como meio, mas sempre ao mesmo tempo como fim, e nisto consiste justamente a sua dignidade (a personalidade), em virtude da qual se eleva sobre todos os outros seres do mundo que não são homens e que, contudo, são susceptíveis de uso; eleva-se, por conseguinte, sobre todas as coisas. (KANT, 2004, p. 108)

Este pensamento pode ser compreendido como o dever moral, ou seja, a lei suprema da moralidade, cujo valor moral da ação está nos princípios internos que a movem e não podem ser visualizados.

As pessoas particulares devem em primeiro lugar estar atentas à finalidade da natureza, mas devem, sobretudo, cuidar do desenvolvimento da humanidade, e fazer com que ela se torne não somente mais hábil, mas ainda mais moral e, por último - coisa muito mais difícil -, empenhar-se em conduzir a posteridade a um grau mais elevado do que elas atingiram. (KANT, 1999, p. 25)

Diante disso, uma ação pode ser considerada, ao mesmo tempo, necessária e boa por si mesma, ao que Kant denomina Imperativo da Moralidade, cujo ato de pensar é fundamental e tal ato, independentemente do resultado, deve ser, sobremaneira, bem intencionado.

Neste ínterim, a moral apresenta uma especificidade própria, no momento em que abrange obrigações e deveres considerados supremos e que possibilite



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

considerar o próximo, posto que: “A cultura moral deve-se fundar sobre máximas, não sobre a disciplina. Esta impede os defeitos; aquelas formam a maneira de pensar”. (KANT, 1999, p. 75)

Em suma, para Kant, a autonomia é o alicerce da dignidade da natureza humana, como também de toda a natureza racional, visto que o bem deve ser praticado pelo homem com a finalidade do bem em si mesmo.

4 AUTONOMIA E MORALIDADE PARA A LIBERDADE NO PROJETO PEDAGÓGICO KANTIANO

É possível considerar que o homem é livre no momento em que tem conhecimento. Dessa forma, passa por processos de mudanças, progressos e desenvolvimento, no intuito de alcançar sua felicidade e exercer sua vontade com liberdade e autonomia.

Por conseguinte, a liberdade está associada ao interesse coletivo e fundamentada em critérios morais, considerando-se a obrigação e a responsabilidade para com o próximo.

Considerando-se essa assertiva, entende-se que, em Kant, uma vontade livre está associada a leis morais e, portanto, sujeita a leis universais, ou seja, o bem supremo é formado pela moralidade e esta deriva da liberdade.

Assim, o princípio da ética em Kant pode ser compreendido a partir do momento em que se tem consciência da liberdade, cuja ação somente pode ser considerada livre quando está associada à razão prática, pois o homem:

[...] como sujeito de uma razão prático-moral, está acima de todo o preço; pois, enquanto tal (homo noumenon), não se pode valorar só como meio para fins alheios, e até para os seus próprios fins, mas como fim em si mesmo, isto é, possui uma dignidade (um valor interno absoluto), graças à qual força ao respeito para com ele todos os demais seres racionais do mundo, e se pode medir com qualquer outro desta classe e apreciar-se em pé de igualdade. (KANT, 2004, p. 73)

Sendo assim, para Kant, um ser racional somente tem vontade própria no momento em que conhece a ideia de liberdade, ou seja, vontade livre e, na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

prática, a vontade de um ser humano deve ser direcionada a todos os seres humanos.

Liberdade para Kant é, assim, autonomia. Neste sentido, a razão prática e a liberdade são consideradas o centro de sua filosofia. Dessa forma, o sentido de liberdade atribuí aos seres possuidores de razão e de vontade a capacidade de agir, conforme sua liberdade. Assim posto, o filósofo acredita que o fato de o ser humano ter a condição da felicidade já é condição para se ter consciência moral.

Em contrapartida, Kant denota preocupação com o fato de que se o homem se considera livre, por se considerar autônomo, por outro lado, ele tem a consciência de que se submete à lei moral, por atribuir a liberdade da vontade.

Dessa forma, o filósofo defende o pensamento de que a liberdade revela autonomia, posto que são conceitos mútuos, permitindo ao homem encontrar a faculdade da razão, à qual é manifestada como ideia e, por isso mesmo, pura.

Considerando-se este pensamento, Kant acredita que educar para a liberdade tem relação com o processo de submissão e constrangimento, ou seja, é necessário o constrangimento para que haja educação bem sucedida: “É preciso habituar o educando a suportar que sua liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo, dirija corretamente a sua liberdade”. (KANT, 1999, p. 33)

Esse processo permitirá o acúmulo de experiências por meio do conhecimento, da disciplina e da instrução. No processo da instrução, Kant (1999, p. 66) afirma ser necessário à criança “procurar unir pouco a pouco o saber e a capacidade”, para que, posteriormente, alcance sua liberdade, que é condicionada sob três regras no processo de educação kantiana: liberdade dada desde a primeira infância, com a condição de não impedir a liberdade alheia; fazer com que as crianças percebam que elas podem atingir seus objetivos; provar que os constrangimentos a que são submetidas tem a finalidade de fazerem-nas usar melhor a liberdade, por esta razão, esta etapa deve ser mais



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tardia, adotada em momento em que a criança consiga ter maturidade para apreender tais ensinamentos:

Deve-se orientar o jovem à humanidade no trato com os outros, aos sentimentos cosmopolitas. Em nossa alma há qualquer coisa que chamamos de interesse: 1. Por nós próprios; 2. Por aqueles que conosco cresceram; e, por fim, 3. Pelo bem universal. É preciso fazer os jovens conhecerem esse interesse para que eles possam por ele se animar. Eles devem alegrar-se pelo bem geral mesmo que não seja vantajoso para a pátria, ou para si mesmos. (KANT, 1999, p. 106)

Conforme explanado, é evidente que disciplina e instrução são fundamentais no processo de moralização do homem civilizado, o qual é polido, “humanizado”, a partir da educação. É esta que torna o homem, verdadeiro homem.

Segundo Kant (1999), esse processo ocorre basicamente por dois vieses: o cuidado material com a criança - por pais, amas de leite, babás -, focando, assim, as necessidades básicas do ser humano, chamando a atenção para a importância de jogos, ginástica, alimentação saudável, enfim, para a cultura não só dos corpos, mas da alma.

O segundo momento alude a questões referenciadas à habilidade, prudência e moralidade, permitindo averiguar que a disciplina, no Projeto Pedagógico Kantiano, visa ao seguimento de regras disciplinares; à obediência racional do mundo moral; à coação, necessária ao afastamento do ser humano ao estágio primitivo, de selvagem.

A disciplina, neste processo, dar-se de forma paulatina, para que desenvolva a formação do homem com êxito e possa também permanecer em todo o seu processo educacional, possibilitando perceber que a disciplina no processo educacional Kantiano objetiva constituir, não apenas um ser, mas também uma sociedade moral, ética, que saiba utilizar de forma autônoma sua liberdade.

A liberdade é posta como fundamental no Projeto Pedagógico Kantiano para que o homem consiga aprimorar-se como ser moral e autônomo. Nesse



sentido, como ser racional que é o homem, ele está presente no mundo inteligível e sua vontade própria, sob a perspectiva da liberdade, deve estar unida ao conceito de autonomia e esta, vinculada, ao princípio universal da moralidade - responsável por fundamentar, segundo Kant, todas as ações de todos os seres racionais.

5 CONCLUSÕES

Estudar Filosofia da Educação, em um primeiro momento, pôde parecer mais uma das disciplinas curriculares para o cumprimento de créditos do Mestrado em Educação do Núcleo de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Entretanto, através das obras adotadas pelos ministrantes da referida disciplina para serem discutidas em sala de aula, tal percepção foi se desconstruindo, uma vez que as acaloradas discussões de Kant e Adorno possibilitaram uma percepção ampla acerca do pensamento filosófico, permitindo a (des) construção de indagações sobre fatos que permeiam a Educação fazendo com que a assertiva de Platão¹ acerca da necessidade de refletir sobre os fatos, independentemente do resultado a ser alcançado, tornasse-se verdadeira.

A metodologia adotada pelos ministrantes da disciplina também foi de grande valia, pois instigou os discentes a refletirem sobre diferentes questões apresentadas nas obras selecionadas, as quais denotaram um encadeamento de ideias que se complementaram. As discussões realizadas em sala de aula permitiram, não apenas compreender a Filosofia como “[...] disposição interior de quem estima o saber, ou o estado de espírito da pessoa que deseja o conhecimento, o procura e o respeita” (CHAUÍ, 2006, p. 25), mas também conhecer a grande relevância da Filosofia para melhor pensar sobre diferentes questões, a exemplo da Autonomia e Moralidade no Projeto Pedagógico Kantiano, discutido neste estudo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para Kant, ficou evidenciado, nesta explanação, que a boa vontade é fundamental ao princípio da ação moral e, através desta, é possível ter acesso ao conceito de liberdade, fundando uma moral autônoma, a partir de imperativos categóricos - deveres fundamentados na razão pura.

Por esta razão, acredita Kant que a moralidade relaciona-se tanto ao indivíduo como ser particular, quanto ao indivíduo que está inserido em uma comunidade.

Destarte, a moralidade Kantiana refere-se, em um primeiro momento, ao indivíduo, posto que as obrigações morais para com ele mesmo estão presentes em sua própria essência; em um segundo momento, a toda humanidade, posto que esta deve se reconhecer, não somente na singularidade da pessoa, mas na de todos os seres humanos.

Este estudo possibilitou, por fim, perceber que o Projeto Pedagógico Kantiano defende o pressuposto de que a lei soberana da moralidade é a liberdade, compreendida como princípio da autonomia, em que o homem, ser racional, está fundamentado em uma lei universal que compreende liberdade e autonomia como características inerentes ao ser moral.

REFERÊNCIAS

- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.
- FURTER, Pierre. “O papel específico da Filosofia da Educação”. In **Educação e reflexão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970, p. 26-27.
- KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2 ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- _____. **Metafísica dos Costumes**: parte II. Tradução e notas de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2004.
- PLATÃO. **A República** (Livro VII). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986, p. 46-59.